

LUTAS DIVERSIFICADAS PARA A DIVERSIDADE DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Wellington Santana Silva Júnior

E.M.Prof. Walter Carretero (Sorocaba – SP)

Neste trabalho colocamos em prática uma educação física contra hegemônica pensada através do campo teórico dos Estudos Culturais e em sintonia com o Grupo de Pesquisas em Educação Física Escolar da FEUSP. A experiência foi realizada respeitando e valorizando a cultura local para oferecer uma diversidade maior de gestualidades e expressões corporais com o tema “lutas” durante todo segundo semestre de 2015, com início no final do mês de julho e fim no final do mês de dezembro. O objetivo foi proporcionar aos alunos de 1º ao 5º ano do ensino fundamental I, em uma escola pública do município de Sorocaba, uma série de conhecimentos dessa prática corporal, tais como a sua contextualização histórica, suas técnicas específicas e, principalmente, discutir assuntos como gênero, racismo e religião.

Iniciamos as aulas trabalhando com os alunos o conceito luta através das lutas de oposições (ex., briga de galo, pega o rabo do macaco, briga de jacaré e outros), em seguida trabalhamos o boxe, a capoeira e para finalizar o jiu-jitsu. A escolha dessas três formas de oposição, teve como objetivo abordar as diferenças de uma luta para a outra, onde, no boxe, os golpes são executados somente com os membros superiores, na capoeira a maior parte dos golpes emprega os membros inferiores e, no jiu-jitsu, não existem golpes traumáticos por ser uma luta que recorre a alavancas, torções e pressões para derrubar e dominar o oponente. As diferenças nas características dessas três lutas foram fundamentais para a escolha das mesmas.

Como problematização do tema, discutimos como as pessoas nos dias de hoje buscam praticar uma luta não para aprenderem uma defesa pessoal somente, ou porque gostam e visam o esporte de combate competitivo e individual, mas pela estética e saúde corporal exigida cada vez mais por uma sociedade em muitos aspectos hegemônica, situação que fez muitas academias de artes marciais se adequarem ao mercado fitness. Procurei informar sobre os diferentes tipos de aulas envolvendo as lutas existentes nas academias de artes marciais, sendo basicamente dois modelos: para aqueles que gostam de lutar, que querem se tornar atletas ou que buscam aprender uma defesa pessoal. E aulas para aqueles que buscam, através da luta, melhorar o

condicionamento físico, em prol da saúde e da estética corporal, sendo esse um dos motivos que ampliou a procura dessa prática por mulheres.

Pesquisa, planejamento e avaliação

Toda construção deste trabalho foi fundamentada em livros, artigos científicos e conhecimentos dos alunos. Na pesquisa sobre o currículo cultural, com a intenção de embasar este trabalho nos estudos culturais, recorreremos aos autores e obras, (BOSSLE, F.; BOSSLE, C. B.; NEIRA 2016, NUNES e RUBIO 2008, NEIRA e NUNES, 2011). As pesquisas tomaram como base os resultados das aulas anteriores. Ocasões em que planejava a aula, desenvolvia, discutia com os alunos, avaliava e decidia qual seria o novo conteúdo a ser trabalhado, de acordo com os resultados obtidos. As avaliações foram feitas por observações das práticas corporais e rodas de conversas durante cada aula, eu observava o desenvolvimento dos alunos, fazia perguntas e registrava em um caderno as observações e respostas. Com base nesses registros eu planejava o próximo conteúdo para a aula seguinte.

Segundo Bossle, Bossle e Neira. (2016), a escola é vista pela sociedade como uma instituição onde o professor tem o dever de formar cidadãos preparados para o mundo, envolvendo neste contexto a influência sócio-políticas de grupos dominantes que participam da construção do currículo, desconsiderando as mudanças e modernidades atuais. É preciso analisar com atenção o aluno que temos em sala, ele acompanhou as mudanças ocorridas, sendo preciso se adequar a tais mudanças para poder promover o aprendizado, caso contrário o que encontraremos são alunos desinteressados pelo estudo. Temos que ver e transformar a escola em um lugar que promova a criticidade, que valorize a cultura local, que os conhecimentos se aprofundem nessas culturas, que os temas de projetos não sejam hegemônicos e superficiais. Na escola é preciso formar cidadãos capazes de criar, criticar, participar e preparados para as diversidades sociais, políticas, culturais, laborais e assim poderem intervir e problematizar as formas de produção de vida.

Podemos fazer da escola um lugar menos rígido e mais democrático, isso depende de cada professor que tem por objetivo formar um cidadão capaz de mudar, opinar e criticar, ao invés de aceitar o que lhe é imposto. Para isso não devemos impor o que o aluno deve aprender, mas sim incluir na construção dos projetos seus saberes

prévios, interesses e necessidades. É preciso que cada tema seja trabalhado de forma intensa e prolongada para que de fato o conhecimento possa ser adquirido e comparado entre o científico e popular.

Segundo Nunes e Rúbio (2008), a educação física escolar, anteriormente responsável pelo desenvolvimento de capacidades e habilidades, vem através do currículo pós-crítico, focar o olhar para a cultura de forma geral, considerando-a um campo de lutas. A intenção não está em fazer os alunos aceitarem culturas diferentes, mas em vivenciar suas diferentes formas e conhecer seus vários significados. Voltando-se para a crítica aos marcadores de gênero, classe social, sexualismo, racismo, religião e outros.

Neira e Nunes (2011) afirmam que o currículo criado por grupos dominantes ligados diretamente a política econômica, vive uma constante luta na intenção de formar cidadãos padronizados aos seus interesses, nos mostra claramente a expansão da hegemonia, com o objetivo de fazer crescer os costumes culturais europeus, sendo esses considerado os corretos diante da sociedade, discursando como marginalizados todos que não seguem tais costumes. Os estudos culturais, olhando o currículo desta forma de criar identidades, vem por meio da valorização de todo e qualquer costume ou hábito cultural, promover um conhecimento aprofundado e não superficial a cada tema trabalhado pelo professor. É através desta forma de abordar a cultura que os estudos culturais buscam criar identidades capazes de mudar seu jeito de pensar, desconstruindo discursos antigos e hegemônicos por novos discursos com uma única intenção, interferir na realidade social na busca de uma vida mais justa e democrática.

Desenvolvimento das aulas

As aulas foram destinadas para 10 turmas: 1º ano C, 1º ano D, 2º ano D, 2º ano E, 3º ano D, 3º ano E, 3º ano F, 4º ano E, 5º ano C e 5º ano D, durante o 2º semestre de 2015 inteiro, com início no final do mês de julho e fim no final do mês dezembro. Onde o conteúdo de cada turma foi diferente, mas o tema sempre o mesmo. Exemplo: Os 1ºs e 2ºs anos um planejamento, os 3ºs, 4ºs e 5º anos um outro planejamento. Aumentando a complexidade dos movimentos corporais, as discussões e quantidades de conteúdos de acordo com as séries.

Nas primeiras aulas procurei conversar com os alunos sobre o que eles sabiam sobre lutas, se alguém da sala ou alguém da família praticava alguma luta. Poucas crianças responderam que sim, entre esses poucos o mais comum foi a capoeira praticada por alguém da família, geralmente os pais e os tios, em nenhum caso foram pronunciados a prática de alguma luta por uma mulher, tipo mãe ou tia.

Sobre o que sabiam ou entediam sobre lutas as respostas foram: “É uma defesa pessoal”; “É uma briga”; “Lutas não podem usar na rua”; “Coisa para se defender”; “Luta para bater”; “Luta é um esporte”; “Luta não é um esporte”; “Luta é dar porrada”; “Luta é violência”.

Fiz esse questionamento com todas as turmas, e selecionei as respostas mais semelhantes e as mais diferenciadas para me embasar de onde poderia começar.

Jogos de oposições

As lutas são manifestações corporais realizadas entre dois ou mais adversários, voltadas para a contusão, desequilíbrio do oponente, retirada do mesmo de certo local, empurrando ou puxando em uma disputa de força ou imobilização (NEIRA, 2014). Algumas brincadeiras tradicionais como cabo de guerra, luta do galo, luta do jacaré, luta do saci, puxar e empurrar do arco, etc., conhecidas como Jogos de Oposição.

Nas primeiras aulas práticas, para contextualizar de forma global o significado de lutas, usei como conteúdos esses jogos de oposição: briga de galo em pé, briga de galo de cócoras, briga de jacaré, pega o rabo do macaco e disputa de força para retirar o oponente do seu quadrado. Realizamos a atividade em todas as turmas, sendo de forma mais lúdicas com os primeiros e segundos anos onde fizemos uma roda e participava uma dupla de cada vez. Permiti a torcida, mas sempre reprimia quando vaiavam quem perdia, para não casar desmotivação e conversávamos sempre que isso acontecia.

Com os terceiros, quartos e quintos começávamos a aula com um exemplo de jogo, em seguida montávamos estações pela quadra, em média duas ou três estações, eu ficava passando entre elas. Em cada estação eu escolhia um aluno para organizar o jogo (o juiz). Começamos colocando meninos x meninos e meninas x meninas, após coloquei meninos x meninas e discutíamos a questão do gênero. Alguns meninos se achavam mais fortes que as meninas, e quando começava a luta percebiam que a técnica era mais importante que a força em alguns casos, e que as meninas também estavam ganhando de

alguns meninos, minha preocupação era somente com a estatura de cada dupla em jogo, minha orientação era que procurassem colegas com estaturas semelhantes para lutar, independente do gênero.

Após as 4 primeiras aulas de jogo de oposição, introduzi o cumprimento antes de cada início de luta, onde cada um deveria cumprimentar seu oponente antes de começar a luta. Nas primeiras vezes era apenas um aperto de mãos, pensando na capoeira, após, com a forma tradicional, assim como acontece nas lutas orientais, onde os lutadores ficam próximos uns dos outros, braços estendidos na lateral do corpo, palmas das mãos abertas e apoiadas nas coxas, e uma leve flexão do tronco. Nesta fase também iniciamos a importância de seguir as recomendações do juiz quanto a hora de iniciar a luta, contagem de pontos e finalização.

Após as aulas práticas, que duraram 4 semanas, fizemos duas aulas na sala para registrarmos e contextualizarmos o que foi trabalhado nas aulas práticas. Eu começava perguntado sobre o que eles aprenderam, gostaram e não gostaram, eu ia escrevendo na lousa as respostas, em seguida eu escrevia algumas coisas que não foram pronunciadas pelos alunos, mas que trabalhamos nas aulas práticas, e que eu acreditava ser importante.

Boxe

Netto (2013), de acordo com relatos históricos, lutas parecidas com o boxe começaram a surgir 1.500 a.C. na Ilha de Creta, devido os combates travados com o uso do punho. Mas foi na antiga Grécia, com os espartanos em combates usando na mão esquerda um escudo para se defender e na mão direita a espada para golpear seus adversários que surgiu o pugilato, onde o guerreiro se defende aparando os golpes com o braço esquerdo e golpeia com o braço direito.

Muitas mudanças aconteceram no decorrer da história até os dias de hoje, tais como: regras, classificação dos atletas por peso, boxe olímpico e boxe armador, vestimenta adequada e local adequado para a realização da luta.

Começamos o boxe com aulas em sala para mapear o conhecimento dos alunos sobre essa luta e para fazermos uma contextualização da história, regras, vestimentas adequadas e evoluções deste esporte com o passar dos anos.

Em umas dessas aulas de contextualização teórica, um aluno do 3º ano F nos falou que já tinha praticado o boxe, não estava mais treinando, mas que ainda tinha um par de luvas que usou durante o tempo em que treinou. Aproveitei essa oportunidade para pedir a esse aluno que trouxesse as luvas e nos falasse um pouco sobre o que tinha aprendido. Nesta aula com as luvas desse aluno, fizemos uma contextualização sobre o porquê das luvas e do protetor bucal como equipamentos de proteção.

Após as aulas teóricas iniciamos as aulas práticas na quadra, onde sempre começávamos em uma grande roda, eu falava sobre o movimento que seria trabalhado e em seguida executava o movimento no meio da roda para que todos pudessem ver, logo após fazíamos os movimentos juntos. Seguindo essa rotina, vivenciamos a base da luta, os deslocamentos corporais durante a luta e os golpes: Jab, direto, cruzado e o gancho.

Nas próximas aulas começamos com as lutas de sombra, onde formávamos duplas que simulavam uma luta com deslocamentos corporais e execução dos golpes, porém sem contato físico, mantínhamos uma distância segura para evitar o contato. Após algumas duplas realizarem a luta de sombra no meio da roda, a partir do momento que todos tinham entendidos a proposta da atividade, orientei que os alunos formassem duplas e realizassem a luta de sombra em espaços diferentes da quadra.

Com os alunos de 1º e 2º anos, não realizei a luta de sombra devido à complexidade da atividade, no lugar planejei jogos com os movimentos das lutas, onde pegamos jogos e brincadeiras tradicionais e ressignificamos com movimentos da luta no lugar de movimentos tradicionais das brincadeiras, tipos jogos de pega-pega, estátua e morto-vivo.

Para finalizar, a professora que também tematizou lutas com as turmas dela ao mesmo tempo em que eu tematizava com as minhas, convidou algumas pessoas de um projeto chamado LisoBoxe (Liga Sorocabana de Boxe) para nos fazer uma visita e um aprofundamento do tema. Os organizadores deste projeto aceitaram o convite e marcamos uma data.

No dia da visita, realizamos uma apresentação com as pessoas da LisoBoxe na quadra, com todas as turmas da escola no período da manhã. Os alunos ficaram nas arquibancadas enquanto os lutadores e parceiros do projeto faziam falas, mostravam os equipamentos, as vestimentas e simulações de lutas. Para finalizar fizeram uma grande

aula com todos os alunos que estivessem interessados. Foi muito importante, porque os alunos puderam visualizar de perto e ao vivo dois lutadores lutando boxe.

Capoeira

Para Netto (2013), a capoeira é conhecida como uma luta de destreza devido a característica da esquiva tanta para defesa como para ataque, onde jamais um lutador de capoeira bloqueia um golpe. É considerado um esporte brasileiro, mas foi criado por africanos que vieram para o Brasil como escravos, onde para se defender criaram a luta capoeira, em meios de músicas e danças para disfarçar sua prática dos capitães do mato.

Foi uma luta proibida durante muito tempo, devido o discurso da época que os capoeiristas eram marginais, onde usavam a luta para roubar e fazer vandalismo.

Também mudanças importantes ocorreram no decorrer da história, através de importante nomes que fizeram grandes trabalhos como o do Mestre Bimba, que usava a capoeira como forma de cidadania e desenvolvimento educacional.

Nos dias de hoje, a Capoeira foi considerada pela UNESCO um patrimônio da humanidade brasileira e está presente no Currículo da Educação Física no Ensino Básico como conteúdo de lutas.

Trabalhar com capoeira foi mais fácil porque eu já tinha praticado essa luta na minha adolescência, e no ano anterior realizei um projeto sobre a capoeira na Oficina do Saber em Sorocaba, sendo essa uma extensão da escola em período integral com várias oficinas.

Comecei com rodas de conversa na intenção de mapear sobre o que os alunos sabiam da capoeira. Algumas turmas eram estudantes de período integral, muitos já tinham vivenciado essa prática no ano anterior em minhas aulas na oficina do saber, sendo esse um projeto de extensão da permanência do aluno na escola. Com isso tiveram facilidades para demonstrar o que aprenderam, porém mantive o tema para ampliar e aprofundar o conhecimento prévio dos alunos, e também porque das 10 turmas, 6 eram alunos de período parcial, e não participaram do projeto capoeira no ano anterior, para esses foi uma primeira vivência com a luta.

Após as discussões, começamos com as aulas práticas na quadra e as teóricas nas salas de aula e nas rodas de conversas antes ou após as práticas.

Na prática, devido aos bons resultados da estratégia de ensino aprendizagem em roda que usamos no boxe, segui os mesmos princípios, onde eu explicava a execução do movimento, em seguida executava o golpe e logo após fazíamos juntos. Na metade da aula ainda em roda, eu perguntava quais dos alunos gostaria de mostrar para o grupo o que tinha acabado de aprender, alguns de imediatos levantavam a mão, outros por timidez ou insegurança preferiam não se manifestar, eu estimulava, mas não insistia, procurava deixá-los sempre livres e à-vontade, foi uma forma que encontrei de fazer com que os alunos começassem a perder a timidez e a compreender como funciona uma roda de capoeira.

No fim de cada aula trabalhávamos as palmas, os toques dos instrumentos pandeiro e berimbau, e cantávamos algumas músicas. Eu apresentava os instrumentos, discursava sobre cada parte que formava o mesmo, tocava, e em seguida um de cada vez se estivesse com interesse poderia pegar o instrumento e tentar tocar também. Com o pandeiro foi bem mais simples do que com o berimbau, o pandeiro era pequeno e leve, mais fácil de tocar, já o berimbau pesado e comprido, para ser segurado e tocado tornava se mais difícil, por esse motivo para os alunos menores eu segurava o berimbau enquanto eles tocavam com o dobrão e a baqueta.

Com as turmas que já tinham visto a capoeira no ano anterior, no fim de cada aula eu procurava fazer uma roda de capoeira, a maioria desses alunos já sabiam a palma, algumas músicas e alguns até tocavam o pandeiro enquanto eu tocava o berimbau. Com as turmas que estavam vivenciando a capoeira pela primeira vez, após duas semanas de aula com a vivencia da ginga e dos golpes mais simples, também fazíamos a roda, porém no começo só com as palmas, pois a intenção era fazer com que os alunos entendessem como se forma uma roda de capoeira e a parte principal, como jogar a capoeira, eles batiam as palmas, eu formava as duplas e orientava a entrada, o jogo e a saída da roda.

Nas aulas práticas vivenciamos a ginga, os movimentos de estrelinha, a parada de mão, a parada de cabeça e os golpes: benção, martelo, meia lua de frente, meia lua rodada, armada e queixada. Para cada golpe aprendido em uma aula, na próxima vivenciávamos a defesa de cada um: cocorinha, esquivas, palma e negativa, em seguida eu orientava os alunos a formarem duplas, se espalharem pela quadra e a treinarem em forma de jogo o golpe e a defesa que tinham acabado de aprender. Era um momento bem dinâmico e divertido.

Nas aulas teóricas, no final de algumas aulas na quadra em roda de conversa ou na sala aula, contextualizamos a história da capoeira, o racismo sofrido pelos escravos negros, como foi a história dos escravos quando criaram a capoeira, a capoeira na escravidão e sua relação com conceitos religiosos, a discriminação que a capoeira sofreu nos primeiros anos da libertação dos escravos, e como a capoeira é vista nos dias de hoje.

Ao tratarmos do racismo, sendo algo muito importante do projeto, feito no decorrer das aulas teóricas, porém em umas das aulas com alunos do 4º ano E, um menino com raiva de uma colega negra durante uma atividade, a xingou de macaca e macumbeira. De imediato parei a aula e conversei primeiro com os dois alunos e após com toda turma sobre o que tinha acabado de acontecer, uma ação de preconceito e discriminação pela cor de pele. Informei a professora de sala sobre o ocorrido para que a mesma tivesse ciência e assim dar continuidade ao assunto, pois tivemos que fazer uma ocorrência. No dia seguinte a mãe da aluna foi até a escola tirar satisfações sobre o acontecido, a ocorrência ajudou a explicar melhor o fato.

Após esse acontecido, procurei conversar mais com todos os alunos sobre o racismo na escravidão, o racismo nos dias de hoje e a relação religiosa do candomblé vivida pelo negro africano.

Para aprofundar esse tema, a escola convidou um grupo de capoeira para fazer uma apresentação para os alunos. Eles aceitaram e fizemos conforme a apresentação do projeto LisoBoxe. No dia combinado o grupo foi até a escola, organizou uma roda de capoeira na quadra, levamos todas as turmas para assistir e participar da apresentação, batendo palmas, cantando e jogando. Foi muito interessante porque os alunos puderam ouvir outras músicas, outros toques, ver outros golpes, e principalmente a atuação forte da mulher na roda de capoeira, porque três dos convidados eram mulheres e jogavam muito bem.

Jiu-jitsu

Rufino e Martins (2011) mencionam registros históricos sobre o jiu-jitsu que indicam sua origem na Índia, sendo uma luta criada como forma de defesa pelos monges budistas, que durante suas peregrinações eram atacados por saqueadores. Devido à religião Budista, eles eram proibidos de usar armas ou qualquer tipo de ação caracterizada violenta, fazendo com que os mesmos criassem um método de

imobilização em uma luta de corpo a corpo, onde o adversário ou saqueador era imobilizado através de suas próprias forças, provocadas por pegadas que impedissem o movimento articular. Após um certo tempo, não muito determinado pelos historiadores, o jiu – jitsu passou a ser praticado na China, mas foi no Japão seu maior crescimento e reconhecimento mundial. Atualmente está entre os esportes que mais vem crescendo, principalmente no Brasil, sendo inserido em diferentes espaços como nas universidades, nos projetos sociais e nas escolas.

É uma luta bem diferente das outras duas que também estamos abordando neste trabalho, onde no boxe e na capoeira não se pode executar golpes ou qualquer outro movimento de imobilização do adversário. Essa diferença de lutar foi um dos motivos que me fez pensar no jiu-jitsu.

Não diferente da capoeira e do boxe, onde no boxe de modo algum se pode usar as pernas, os golpes são proferidos com as mãos fechadas e com os punhos firmes. Já na capoeira a maior parte dos golpes são realizados pelas pernas, são poucos os golpes que se usam os braços e os punhos, sendo que na mesma é proibido fechar as mãos, quando for necessário dar um golpe com os membros superiores, o capoeirista deve estar com a mão aberta, onde o golpe é em forma de tapa ou escalão.

Começamos com aulas teóricas em sala, onde contextualizamos a história do jiu-jitsu, sua origem conforme relatos históricos, seu desenvolvimento no decorrer dos anos e sua potencialidade nos dias de hoje.

Para as aulas práticas montamos os tatames na quadra, um fato que despertou o interesse de todos os alunos para vivenciarem o jiu-jitsu. Iniciamos a vivência com um treinamento natural dos movimentos, onde tais movimentos foram feitos em duplas. Após uma prática de duas semanas dos movimentos naturais, começamos a vivenciar os rolamentos sobre o ombro, de frente, de frente e lateral com projeção e de costas.

Após esta fase, novamente fomos para a sala de aula contextualizar e aprofundar nas regras e vestimentas próprias da luta. Em uma dessas aulas, levei um quimono e conversamos como se usar durante as lutas e algumas pegadas de golpes simples na parte da frente do quimono e nas mangas.

Estávamos entrando no início do mês de dezembro neste período, fase onde os alunos começam a faltar consideravelmente, fato que me impediu de realizar as aulas de

combate e um aprofundamento melhor como fizemos com o boxe e a capoeira. Reconheço que a falha foi minha no planejamento, mas fiquei satisfeito pelo que tínhamos trabalhado até aquele momento.

Problematização

Com a intenção de desenvolver a criticidade sobre o tema, conversamos sobre o porquê de alguns alunos acreditarem que a “luta não é um esporte”?

A maioria disse: “ Porque é uma violência” e “Porque machuca”.

Pude nesse momento discutir sobre violência, onde procurei falar em que momento a luta é um esporte e em que momento a luta é uma ação violenta. Dei exemplos do dia a dia: - “Quando um lutador luta contra um outro lutador dentro de um ringue, seguindo as regras, com a vestimenta adequado e sendo supervisionado por árbitros, a luta nesta situação é esporte, não é violência”. Quando um lutador usa a luta para agredir uma outra pessoa em qualquer lugar público, escola, rua, etc..., nesta situação sim, a luta é um tipo de violência física e crime de detenção, que considera o movimento de luta uma arma”.

Em questão do aumento da procura pela prática de lutas em nossa sociedade nos dias atuais, conversamos sobre a saúde e estética corporal. Procurei informar sobre os diferentes tipos de aulas que é possível nos dias hoje encontrar nas academias de artes marciais, sendo basicamente dois modelos: Aulas para aqueles que gostam de lutar, que querem se tornar atletas ou que buscam aprender uma defesa pessoal. E aulas para aqueles que buscam através dos movimentos da luta melhorar o condicionamento físico, em prol da saúde e da estética corporal, sendo esse um dos motivos que ampliou a procura dessa prática por mulheres.

Deixei passar a oportunidade de tematizar melhor durante o aprofundamento do tema em relação ao mercado fitness, e a discriminação existente em nossa sociedade dado pela aparência física de cada pessoa. Foi uma falha na discussão crítica.

Referências

BOSSLE, F.; BOSSLE, C. B.; NEIRA, M. G. **Desafios para a docência na Educação Física escolar.** In: BOSSLE, F.; WITIZORECKI, E. S. (Orgs.) **Didática(s) da Educação Física: formação docente e cotidiano escolar.** Curitiba: CRV, 2016, p. 119-132.

NUNES, M. L. F.; RUBIO, K. O(s) currículos de Educação Física e a identidade dos seus sujeitos. **Currículo Sem Fronteiras**, São Paulo, v. 8, n. 2, p.55-77, dez. 2008.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. Contribuições dos Estudos Culturais para o currículo da Educação Física. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 3, p.671-685, 2011.

NETTO, O. W. **Revelando o esporte:** 160 modalidades esportivas. Sorocaba: Tcm Comunicação, 2013. 256 p.

RUFINO, L. G. B.; MARTINS, J. C. O Jiu Jitsu brasileiro em extensão. **Rev. Ciênc. Ext.** v.7, n.2, p.84, 2011